

Ignacio Rangel - um demiurgo do Brasil



Por **ROBSON ADAMI CAMPOS***

O economista maranhense é um dos principais intérpretes do Brasil

“Somente assim é possível organizar o espaço, incluindo o mundo inteiro no seu sistema” (RANGEL, 1968, p. 05).

Demiurgos, sim, aqueles que derivam da ideia de Platão, aqueles que criam a realidade, que a organizam e modelam, ou, em sentido simples, criadores de uma obra grandiosa, de relevante importância, como a referência que Antonio Candido fez aos intérpretes Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Jr., e esta lista ganhou corpo com Francisco de Oliveira, ao acrescentar Celso Furtado e Florestan Fernandes, lista à qual pertencem também Darcy Ribeiro e Raymundo Faoro, todos estudiosos que empreendem uma interpretação do Brasil.^[i] Seria a “grande tradição” dos explicadores do Brasil, celebrada por Chico de Oliveira, em exposição feita no tradicional CEDEC, lugar apropriado para se estudar e compreender a formação do Brasil na sua especificidade.

A ideia encaixa. Demiurgos, afinal, não criam a realidade na tradição platônica, mas organizam uma espécie de caos. Imprimem, assim, não apenas uma descrição que dê conta do que apreendem do mundo, mas põem, de fato, o próprio mundo.^[ii]

Certa vez, Alexandre de Freitas Barbosa^[iii] indagou a Luiz Gonzaga Beluzzo, ao contar sua história em entrevista, em especial sua trajetória e da Unicamp. Indagado que havia grandes nomes neste processo, do porte de Celso Furtado e Raul Prebisch, perguntaram-lhe: “mas Rangel?”. Ao acrescentar Ignacio Rangel,^[iv] Beluzzo de pronto corrigiu que se esqueceu de mencionar o economista maranhense. Reforçando que muito era devido a Ignacio Rangel e esquecê-lo “era uma injustiça que não poderia cometer” (BELUZZO, 2011, p. 426).

Tal personagem é um intérprete do Brasil que estudou o enigma –^[v] “Brasil, o nosso claro enigma” (SANTIAGO, 2002, p. XLVIII), entretanto, também não aparece na boa obra com 52 nomes proeminentes do pensamento brasileiro, elaborada pela Fundação Alexandre de Gusmão, do Itamaraty (IPRI-FUNAG, 2007). Assim como na densa coletânea sobre o pensamento nacional de Djacir Meneses, que inclui uma miríade de autores, os estudos rangelianos não estão presentes (*O Brasil no Pensamento Brasileiro*, 2011). Rangel foi pensador que inventou o Brasil – em casos especiais o fez também – tão pouco lembrado que não consta da obra de Fernando Henrique Cardoso (*Pensadores que Inventaram o Brasil*, 2013), entretanto, segundo José Márcio Rego, a reflexão do maranhense foi uma das suas inspirações para elaborar, junto com Enzo Falletto, a Teoria da Dependência (REGO, 1997).

Segundo Ignacio Rangel, o mesmo aconteceu com Hélio Jaguaribe ao se inspirar nas suas ideias, mas não foi lembrado (*Brasil: Alternativas e Saídas*, 2002). Ausente em outras obras que tratam essencialmente dos intérpretes e suas interpretações, como a *Interpretações do Brasil* (CARVALHO & EUGÊNIO, 2014); na coletânea de artigos *Intérpretes do Brasil* (AXT, SCHÜLER, & (Orgs), 2004); nos três volumes de *As Identidades do Brasil* cuja abordagem é essencialmente a partir de intérpretes.

O primeiro volume aborda, aproximadamente, 120 anos de pensamento brasileiro, de Varnhagen a FHC (REIS, 2007). Já o segundo volume, que enfatiza nomes que “interpretaram a civilização brasileira”, inclui autores de Calmon a Bomfim (REIS, 2006). A trilogia se finda com o foco na identidade nacional que inclui José Murilo de Carvalho a Darcy Ribeiro (REIS, 2017). Nada de Rangel. Na mesma toada a volumosa obra, cujo subtítulo é “Pequena Enciclopédia”, chamada de *Nenhum Brasil Existe* (ROCHA, 2003), que soma historiadores, literatos, documentos importantes da história nacional. Nadinha de Rangel.

Em obras com esta característica, Ignacio Rangel alça ao patamar de intérprete em trabalho cujo título é salutar para um ilustre desconhecido, organizada por Luiz Bernardo Pericás e Lincoln Ferreira Secco (*Intérpretes do Brasil: clássicos, rebeldes e renegados*, 2014).

Gera particular interesse este “desconhecimento”, por sua contradição: quem teve contato com a obra de Ignacio Rangel não lhe poupa elogios e o equipara a outros notáveis que se debruçaram sobre a realidade brasileira e a procuraram interpretar. Contudo, o que se pode constatar é um substancial desconhecimento sobre seu trabalho e sobre quem foi o intérprete. No ano de celebração dos 200 anos da Independência, no levantamento dentre mais de centena de estudiosos, não houve menção ao trabalho do economista maranhense.^[vi]

Assim como na obra de Nelson Werneck Sodré, dedicada a se conhecer o Brasil, embora editada em sua primeira vez na década de 1940, com sucessivas e posteriores reedições, não consta menção à obra rangeliana (SODRÉ, 1967). Dentre os dez livros para conhecer o Brasil assinalados por Antonio Candido, escolha que, segundo ele, dependia sobretudo do arbítrio e das limitações que tinha. Singular modéstia de Candido, entretanto, Ignacio Rangel também não é apontado, assim como alguns de seus livros, como importante para se conhecer um cadinho mais o Brasil.

Ignacio de Mourão Rangel (1914-1994), nasceu em 20 de fevereiro na cidade de Mirador, Maranhão, filho de um magistrado e de uma professora, graduou-se em Direito. Em 1954, por indicação de Celso Furtado, vai para o Chile realizar o que ele denominou como sua dissertação de mestrado na Cepal, defendendo a tese intitulada “*Desarrollo Económico en Brasil*”. Foi militante do Partido Comunista e integrou da Aliança Nacional Libertadora (ALN). Já na sua militância intelectual integrou o Clube dos Economistas, o IBESP, e o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB).

Ocupou cargos públicos, como integrante da assessoria econômica de Getúlio Vargas, colaborando no projeto de criação da Petrobras e da Eletrobras. Ingressou nos quadros do BNDE em 1955, alça a chefe do Departamento Econômico, ainda participou do Conselho de Desenvolvimento da Presidência da República. Atuou no Plano de Metas do governo Juscelino Kubitschek. Em 1964 foi convidado para ocupar o Ministério da Fazenda pelo Presidente João Goulart, mas não aceitou. Manteve uma coluna no jornal *Última Hora* no Rio de Janeiro entre 1969-1971 e em 1993, por mais de uma década colaborou com o jornal *Folha de São Paulo*.

O método que aplicou foi histórico-estrutural, ou na compreensão de Bresser Pereira, que aprecio, histórico-dedutivo (2009). O primeiro elemento do método rangeliano é a recepção crítica das teorias estrangeiras, na forma que é exposta, inicialmente, pelo bom senso nacional demonstrado por Barão de Mauá, Irineu Evangelista de Souza. O fazer de Ignacio Rangel passava pela assimilação crítica da teoria estrangeira – influência determinante dos ciclos de Kondratiev e Juglar: ondas largas produzidas pelas economias centrais, com expansão das forças produtivas introduzindo tecnologias – conjugado com a dinâmica das classes sociais, sua interação e posição na estrutura de poder e de domínio econômico. Sua posição, neste aspecto, é clara, ao falar das teorias, também em seus aspectos práticos:

“Devemos estar preparados para usar alternadamente o instrumental marxista, o keynesiano, o neoclássico, o clássico e até o fisiocrático, segundo as circunstâncias. Podemos aperfeiçoar esses instrumentos, reformular esses princípios, pelo emprego da moderna metodologia, quando esta for aplicável, mas não podemos excluir *in limine* nenhum deles. Todos nos serão úteis no trabalho prático”.^[vii]

Para Guerreiro Ramos, a obra dualidade é um marco na história das ideias pela forma que recepciona e utiliza criticamente

a terra é redonda

a teoria estrangeira. Ramos sustentou à época que Ignacio Rangel havia encontrado a lei básica da formação econômica do Brasil. A dualidade é a teoria que junte o processo socioeconômico com a dinâmica das classes sociais. A inquietação que perpassou a longa vida de Rangel foi a existência de uma dualidade dinâmica no interior de uma unidade nacional, esta Terra de Santa Cruz. Sua visão se assemelha, grosso modo, à de um engenheiro que observa sua criação ao ver um veículo automotor em funcionamento. Algo que se constitui de diversas partes em funcionamento, cuja finalidade é o deslocamento, o movimento. Ignacio Rangel enxergava o processo que se empreendia por estas terras e se esforçou para compreender a sua formação.

***Robson Adami Campos**, advogado e professor, é mestre em Estudos Brasileiros pela USP.

Notas

[i] OLIVEIRA, Francisco. *Como pensar?* Lua Nova: Revista de Cultura e Política. 2001, n. 54, pp. 87-132. Em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/tWRDxggtCHdRddwpYSc5jtt/?lang=pt#>.

[ii] OLIVEIRA, Francisco. *Diálogo na grande tradição*. In: Novaes, Adauto. *A crise do Estado-Nação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

[iii] Professor livre-docente, economista raiz, docente do corpo permanente do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo.

[iv] Ignácio Euquério de Mourão Rangel teve a grafia de seu nome alterada após um incêndio no cartório onde foi registrado. Após novo registro passou a ter seu registro civil como Ignacio de Mourão Rangel.

[v] Primorosa coletânea de estudos que reúne “29 intérpretes e um País” foi organizada por André Botelho e Lilia Moritz Schwarcz partindo da premissa que decifrar o Brasil não é um empreendimento nada simples (*Um Enigma Chamado Brasil*, 2019). Destaca-se que Ignacio Rangel não está no seleto rol de intérpretes estudados na obra.

[vi] Veja a matéria do Jornal Folha de SP nominada *200 anos, 200 livros* elaborada sobre o projeto de que reúne 200 importantes livros para entender o Brasil, um levantamento com obras indicadas por 169 intelectuais da língua portuguesa que pode ser consultado em: <https://arte.folha.uol.com.br/ilustrissima/2022/05/04/200-livros-importantes-para-entender-o-brasil/>.

[vii] Vide a íntegra explicação em *Desenvolvimento e Projeto* (RANGEL, Obras Reunidas, 2012, p. 207).

**O site A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.
Ajude-nos a manter esta ideia.**

[Clique aqui e veja como](#)